



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

VITOR DANIEL CARVALHO ARRUDA

**PODCAST: (VI) NO TWITTER
ADOÇÃO POR PARTE DE PAIS HOMOAFETIVOS**

GOIÂNIA

2025



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

VITOR DANIEL CARVALHO ARRUDA

**PODCAST: (VI) NO TWITTER
ADOÇÃO POR PARTE DE PAIS HOMOAFETIVOS**

Produto *Podcast* apresentado como
Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em Jornalismo à
Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Escola de Comunicação, sob
orientação da Professora Doutora
Eliani de Fátima Covem Queiroz.

GOIÂNIA

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Valter Martins Arruda e Danyela de Castro Carvalho Arruda, alicerces da minha vida, que me deram a base necessária para sonhar e realizar.

À minha irmã, Renata Carvalho Arruda, por ser meu eterno exemplo de conduta e inspiração.

A todos os meus professores, desde a alfabetização até o ensino superior, mestres essenciais que pavimentaram o caminho para a concretização deste momento.

Aos meus amigos, pelo apoio e incentivo constante durante esta jornada. E, especialmente, a todas as famílias que lutam diariamente pelo sagrado direito de amar e adotar, e à comunidade LGBTQIAP+, cuja resistência e busca por igualdade e dignidade dão sentido a esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Valter Martins Arruda e Danyela de Castro Carvalho Arruda, meu eterno amor e gratidão. Vocês são o alicerce de tudo o que sou e construí. Obrigado pela base sólida, pelo incentivo incansável aos meus estudos e por sempre se fazerem presentes em cada etapa da minha vida, oferecendo um amor e um suporte que me sustentam.

À minha irmã, Renata Carvalho Arruda, por sempre ter sido o meu norte e um modelo admirável a ser seguido. Sua trajetória é uma inspiração constante para mim, e agradeço por todo o carinho e suporte que sempre me dedicou. Ao meu cunhado, Rayan Nascimento, estendo minha gratidão pelo cuidado, respeito e apoio inestimável dedicados à minha irmã e à nossa família.

Aos meus amigos, que foram meu suporte emocional e refúgio durante toda a graduação. De diferentes formas, cada um de vocês me ajudou a manter a firmeza e a coragem necessárias para atravessar este processo. A presença e a amizade de vocês tornaram a caminhada mais leve e significativa. Meu muito obrigado a: Adara Lemos de Oliveira, Ananda Giulia Lemos de Oliveira, Antonio Dias Almeida, Diogo Alves da Silva, Gabriel de Jesus Arruda, Guilherme Lourenço, Juan Hernandez de Freitas, Júlia Mayse Oliveira de Lima, Kaio Lessa de Farias, Kamilla Lemes Gonzaga, Luanne Alves de Oliveira, Luis Felipe da Silva, Nathalia Artiaga de Jesus, Pedro Lucas Cunha Xavier, Rízia Santos David, Sarah Martins Marques, Thaillyne Rodrigues Ferreira, Wanderson Santos Melo Filho e Yasmin Faria Santos.

Ao grupo sul-coreano TWICE, cuja discografia tem sido a trilha sonora da minha jornada nos últimos seis anos. Por meio da música, encontrei não apenas entretenimento, mas uma fonte inesgotável de paz, coragem e conforto nos momentos desafiadores, renovando minhas energias para persistir.

Aos meus professores, mestres que cruzaram meu caminho desde a alfabetização até o ensino superior, contribuindo para a minha formação intelectual e humana. Um agradecimento especial à minha orientadora, professora Eliani Covem, pela condução sábia, pelas reflexões partilhadas e por acreditar na sensibilidade deste projeto.

Por fim, agradeço aos entrevistados Fabio Peclat dos Santos, José Lima de Jesus e Lino Rezende. Obrigado pela disponibilidade, pela confiança e pela generosidade em compartilhar seus relatos, que foi fundamental para o desenvolvimento e a humanização deste trabalho.

"E a gente vive junto e a gente se dá bem, não desejamos mal a quase ninguém e a gente vai à luta e conhece a dor, consideramos justa toda forma de amor."

Lulu Santos

RESUMO:

O presente trabalho analisa a configuração das famílias homoafetivas no cenário brasileiro contemporâneo, com ênfase no processo de adoção e na construção da parentalidade socioafetiva. Parte-se da premissa de que o conceito de família evoluiu para além dos laços biológicos, fundamentando-se no afeto e na solidariedade. No entanto, apesar do reconhecimento jurídico pelo Supremo Tribunal Federal, esses núcleos familiares ainda enfrentam barreiras culturais e preconceitos institucionais, especialmente no ambiente escolar, o que demanda a criação de novas narrativas capazes de desmistificar a homoparentalidade e promover a inclusão social. Sob a ótica da Comunicação Social, a pesquisa explora o potencial das mídias digitais sonoras como ferramentas de democratização da informação. Analisa-se a evolução do rádio para o *podcast* e, posteriormente, para o *videocast* (ou *mesacast*), formatos que se consolidaram pela flexibilidade de consumo sob demanda e pela capacidade de segmentação de audiência. Como resultado prático, desenvolveu-se o episódio piloto do *videocast* intitulado "(Vi) no Twitter".

PALAVRAS-CHAVE: Adoção homoafetiva. Podcast. Videocast. Comunicação Digital. Novas configurações familiares.

ABSTRACT:

This paper analyzes the configuration of same-sex families in the contemporary Brazilian scenario, with an emphasis on the adoption process and the construction of socio-affective parenthood. It starts from the premise that the concept of family has evolved beyond biological ties, being based on affection and solidarity. However, despite legal recognition by the Supreme Federal Court, these family units still face cultural barriers and institutional prejudices, especially in the school environment, which demands the creation of new narratives capable of demystifying same-sex parenthood and promoting social inclusion. From the perspective of Social Communication, the research explores the potential of digital audio media as tools for the democratization of information. It analyzes the evolution from radio to podcast and, subsequently, to videocast (or mesacast), formats that have consolidated themselves due to their flexibility of on-demand consumption and the ability to segment audiences. As a practical result, a pilot episode of the videocast entitled "(Vi) no Twitter" was developed.

KEY WORDS:

Same-sex adoption. Podcast. Videocast. Digital communication. New family configurations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	11
1. Podcast	11
1.1 Conceitos e Teorias	11
1.2 Técnicas de Produção do Podcast	14
1.3 História do Rádio e do Podcast no Brasil	18
2. A adoção de filhos por pais homoafetivos	19
2.1 Adoção homoafetiva no Brasil	21
2.2 Casais homoafetivos: a convivência diária com os filhos adotivos	23
3. Podcast: (Vi) no Twitter	27
CAPÍTULO II: MEMORIAL	28
CAPÍTULO III: Descrição Técnica do produto	30
3.1 Pré-Produção e Metodologia de Casting	30
3.2 Infraestrutura, locação e equipamentos.....	31
3.3 Pós-produção e edição	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE A – Roteiro Técnico do Videocast "(Vi) no Twitter".....	38
APÊNDICE B – Registro Fotográfico da Gravação	43
AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO	44

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem vivenciado transformações profundas em suas estruturas sociais, com destaque para a pluralidade das configurações familiares. O reconhecimento jurídico e social das famílias homoafetivas, bem como o direito à adoção por esses casais, reflete uma mudança de paradigma onde o afeto prevalece sobre os laços estritamente biológicos. No entanto, apesar dos avanços legais, a parentalidade exercida por casais do mesmo sexo ainda enfrenta barreiras culturais e preconceitos enraizados. Nesse contexto, torna-se imperativo fomentar discussões que desmistifiquem a homoparentalidade, evidenciando a capacidade desses núcleos de oferecer cuidado, proteção e desenvolvimento saudável a crianças e adolescentes.

Para ampliar o alcance desse debate, as mídias digitais surgem como ferramentas estratégicas de comunicação e educação. Destaca-se, nesse cenário, o *podcast*, uma mídia sonora sob demanda que permite ao ouvinte consumir conteúdo de forma personalizada e assíncrona, rompendo as limitações de horário das grades tradicionais de rádio. A evolução desse formato deu origem ao *videocast* (ou *mesacast*), que integra o registro visual à narrativa oral, potencializando a experiência de consumo em plataformas de vídeo. A alta visibilidade e a facilidade de acesso dessas ferramentas na atualidade as tornam veículos ideais para a disseminação de informações de interesse público e para a promoção da diversidade.

Dessa forma, o presente trabalho propõe a união entre a relevância social da adoção homoafetiva e a potência comunicacional das novas mídias. A escolha pelo desenvolvimento de um *podcast* — especificamente no formato *videocast* — como produto prático deste Trabalho de Conclusão de Curso justifica-se pela necessidade de criar espaços de fala autênticos e acessíveis. O projeto visa não apenas informar sobre os aspectos legais e psicossociais da adoção, mas também humanizar o tema por meio de relatos reais, utilizando a tecnologia para dar visibilidade a histórias que, frequentemente, permanecem à margem dos grandes veículos de comunicação.

A metodologia adotada para a construção deste trabalho possui natureza híbrida, articulando pesquisa teórica e aplicação prática. Na vertente teórica, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e qualitativo, fundamentada em doutrinas do Direito de Família, artigos científicos e literatura especializada em Psicologia e Comunicação. Essa etapa foi essencial para compreender as nuances jurídicas da adoção homoafetiva e as

especificidades do *podcast* como gênero midiático, utilizando autores de referência para embasar a análise crítica do fenômeno estudado.

Para a execução do produto prático — o episódio piloto do podcast "(Vi) no Twitter" —, o processo de produção iniciou-se com uma curadoria criteriosa dos participantes, visando contemplar diferentes perspectivas sobre o tema. Buscou-se dar voz a quem vivencia a realidade da adoção, selecionando-se o casal Fábio Peclat e José Lima para compartilhar sua trajetória de paternidade. Complementarmente, a participação remota do psicólogo Lino Rezende foi integrada para oferecer um respaldo técnico-científico ao debate, garantindo que o conteúdo final aliasse a vivência emocional dos pais ao rigor profissional da psicologia.

A gravação do episódio foi realizada em um estúdio profissional externo, decisão estratégica tomada para assegurar a excelência técnica de áudio e vídeo. O formato escolhido foi o *videocast*, que favorece a dinâmica de conversa informal e o engajamento visual, características essenciais para a retenção de audiência nas plataformas digitais. A condução da entrevista foi realizada pelo autor deste trabalho na função de *host*, mediando o diálogo entre as experiências pessoais dos convidados e os tópicos de interesse público levantados pela pesquisa.

Estruturalmente, o presente trabalho organiza-se em três capítulos principais. O primeiro capítulo dedica-se ao referencial teórico sobre a comunicação, traçando a evolução histórica do rádio até a consolidação do podcast no Brasil. Traz ainda o aprofundamento sobre a temática central da adoção por casais homoafetivos, abordando os aspectos legais, os desafios cotidianos de convivência e o enfrentamento ao preconceito. O segundo capítulo apresenta o memorial descritivo e a análise do produto prático, detalhando as etapas de criação do podcast e refletindo sobre as narrativas coletadas à luz da fundamentação teórica construída. O terceiro capítulo traz a descrição técnica e metodológica do produto.

A relevância deste estudo transcende o âmbito estritamente acadêmico, situando-se como uma contribuição necessária ao debate público sobre direitos humanos e cidadania. Em um país onde o conservadorismo muitas vezes dita as normas sociais, dar visibilidade a famílias constituídas por laços homoafetivos é um ato político e pedagógico. Ao investigar a adoção por essa perspectiva, o trabalho busca preencher lacunas de informação que alimentam o preconceito, demonstrando que a aptidão para a parentalidade não é uma prerrogativa da heteronormatividade, mas uma construção baseada no afeto e na responsabilidade.

Sob a ótica da Comunicação Social, a pesquisa justifica-se pela necessidade de explorar novas linguagens e formatos que dialoguem com a sociedade contemporânea. O jornalismo e a produção de conteúdo digital possuem o dever ético de dar voz a grupos historicamente marginalizados. Nesse sentido, o podcast não é apenas um suporte técnico, mas uma estratégia de democratização do conhecimento. Ele permite que discussões complexas, muitas vezes restritas aos tribunais ou aos consultórios de psicologia, alcancem o cotidiano das pessoas de forma acessível, promovendo empatia e desconstrução de estigmas.

O objetivo central deste Trabalho de Conclusão de Curso é, portanto, duplo: de um lado, sistematizar o conhecimento teórico sobre a adoção homoafetiva e a evolução das mídias sonoras; de outro, aplicar esse conhecimento na criação de um produto comunicacional capaz de sensibilizar a audiência. Espera-se que a união entre a fundamentação teórica e a prática do *videocast* demonstre a viabilidade e a potência dessas novas narrativas na transformação do imaginário social brasileiro.

Por fim, este trabalho convida à reflexão sobre o papel da universidade e dos comunicadores na construção de uma sociedade mais inclusiva. Ao longo dos capítulos que se seguem, pretende-se não apenas apresentar dados e conceitos, mas narrar histórias de vida que validam a diversidade. Acredita-se que, ao amplificar a voz de pais como Fábio e José, e ao respaldar suas vivências com a ciência, contribui-se para que a adoção homoafetiva deixe de ser vista como uma exceção ou um tabu, e passe a ser reconhecida como mais uma legítima expressão do amor familiar.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. *Podcast*

O *podcast* pode ser definido, em termos técnicos e culturais, como um sistema de publicação e distribuição de arquivos de mídia digital (predominantemente áudio) pela internet, que permite aos usuários acompanhar atualizações de seus programas favoritos mediante assinatura. Diferente do rádio hertziano, cuja lógica baseia-se na sincronia e na grade de programação fixa, o *podcast* opera sob a lógica do acesso sob demanda (*on-demand*). Segundo Rezende (2007), essa tecnologia representa uma reinvenção da comunicação sonora, pois desvincula o conteúdo do tempo de transmissão, oferecendo ao ouvinte o controle total sobre a recepção da informação.

Além de sua característica técnica, baseada originalmente no padrão RSS (*Really Simple Syndication*) para o envio automático de episódios aos agregadores, o formato destaca-se por sua "portabilidade" e capacidade de segmentação. Ele se consolidou como uma "mídia de nicho" e "nômade", pois o consumo ocorre majoritariamente em dispositivos móveis e durante atividades cotidianas (deslocamentos, tarefas domésticas, exercícios). Essa flexibilidade transformou o ouvinte passivo em um sujeito ativo, que personaliza sua própria grade de programação sonora de acordo com seus interesses específicos e disponibilidade de tempo (Berry, 2006).

1.1. Conceitos e Teorias

O podcast é uma mídia digital que se consolidou como uma forma de distribuição de conteúdo em áudio, permitindo que os ouvintes acessem programas sob demanda, em qualquer momento e lugar. Segundo Luiz e Assis (2010), o *podcasting* é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet, utilizando tecnologias como o RSS (*Really Simple Syndication*) para automatizar a distribuição desses arquivos. Essa característica de distribuição automática é o que diferencia os programas de

áudio digitais de outras formas de mídia sonora, como os programas de rádio tradicionais, que dependem de transmissões em tempo real (Luz; Assis, 2010).

O termo "*podcast*" deriva da junção de "*iPod*", o popular tocador de mídia digital da Apple, e "*broadcasting*", que se refere à transmissão pública de informações. No entanto, sua aplicação não se limita ao uso de *iPods*, podendo ser acessada por qualquer dispositivo capaz de reproduzir arquivos de áudio, como smartphones, computadores e tablets (Luz; Assis, 2010). Essa flexibilidade de acesso é uma das principais vantagens dessa mídia, permitindo que os ouvintes consumam conteúdo de acordo com sua conveniência.

A teoria dessa tecnologia como uma mídia disruptiva é amplamente discutida por Bonini (2015), que afirma que os programas de áudio digitais representam uma "segunda era" da mídia digital, caracterizada pela transformação de uma prática amadora em um meio comercial massivo. Bonini argumenta que essa forma de comunicação inicialmente era vista como uma ferramenta de expressão individual, mas, com o tempo, passou a ser adotada por grandes empresas de mídia e produtoras de conteúdo, que viram nela uma oportunidade de alcançar audiências segmentadas (Bonini, 2015).

Outro conceito importante é o de "rádio expandido", proposto por Kischinhevsky (2016), que define essa mídia como uma extensão do rádio tradicional, adaptada ao ambiente digital. O rádio expandido se apropria de elementos de outras mídias, como vídeos e textos, e utiliza plataformas digitais para ampliar seu alcance e interação com o público. Essa convergência de mídias permite que essa forma de comunicação ofereça uma experiência mais rica e diversificada, combinando áudio com outras formas de conteúdo (Kischinhevsky, 2016).

Além disso, essa tecnologia é vista como uma ferramenta democratizante, pois permite que qualquer pessoa com acesso à internet e equipamentos básicos possa produzir e distribuir conteúdo. Essa característica é destacada por Primo (2005), que define o formato como um processo midiático interativo, no qual os ouvintes podem se tornar produtores de conteúdo, criando um ciclo de feedback e colaboração (Primo, 2005, p. 19).

O desenvolvimento dessas mídias digitais não apenas transformou a forma como as pessoas consomem informações, mas também possibilitou a personalização de conteúdo para públicos específicos, abrindo novas possibilidades para a comunicação. Assim, o formato não é apenas uma evolução das práticas tradicionais, mas um reflexo das necessidades contemporâneas de mobilidade e conexão.

A ascensão dos *podcasts* transformou significativamente o panorama da mídia digital, oferecendo uma plataforma acessível para a criação e distribuição de conteúdo. Essa

evolução foi impulsionada por investimentos substanciais de grandes empresas, como a aquisição de redes de *podcasts* e o desenvolvimento de tecnologias avançadas para produção e distribuição de áudio. Esses avanços não apenas ampliaram a qualidade e a diversidade dos conteúdos disponíveis, mas também facilitaram a monetização por meio de publicidade e assinaturas, consolidando os podcasts como uma mídia viável e lucrativa (PMG - *Digital Company*, 2025).

Além disso, a integração de tecnologias emergentes, como inteligência artificial e aprendizado de máquina, tem aprimorado a personalização das recomendações de conteúdo para os ouvintes. Essas inovações permitem que as plataformas analisem preferências e comportamentos dos usuários, sugerindo episódios que atendam aos interesses individuais de forma mais eficaz. Essa personalização não apenas melhora a experiência do usuário, mas também aumenta o engajamento e a fidelidade à plataforma (Wavve, 2024).

Observa-se que a colaboração entre *podcasters* e marcas tem se intensificado, resultando em estratégias de publicidade mais autênticas e direcionadas. Anunciantes reconhecem o valor das recomendações feitas pelos anfitriões dos podcasts, que, devido à sua relação de confiança com o público, conseguem promover produtos e serviços de maneira mais eficaz. Essa abordagem tem se mostrado vantajosa tanto para os criadores de conteúdo, que obtêm novas fontes de receita, quanto para as marcas, que alcançam públicos específicos de forma mais eficiente.

No cenário atual, o *ideocast* (ou *videocast*) representa uma evolução do podcast, incorporando elementos visuais e sonoros em uma única produção. Segundo Brown e Green (2007, p. 03), trata-se de um “modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução de imagens”. Essa combinação permite que o conteúdo em áudio seja enriquecido por recursos visuais, como expressões faciais, linguagem corporal, gráficos e cenários, ampliando a experiência do consumidor de mídia.

Na área educacional, o *videocast* tem se destacado como ferramenta didática eficaz, ao oferecer suporte visual a explicações complexas. Wentzel e De Hart (2020) apontam que estudantes acessam *videocasts* em casa, por meio de computadores, para aprofundar a compreensão de conteúdos, o que reforça o valor desse formato como recurso de apoio ao aprendizado.

Além disso, a presença de imagem e movimento torna o *videocast* adequado para atender diferentes estilos de aprendizagem. Auxilia na compreensão de nuances comunicativas — como entonações, pausas e gestualidade — que podem não estar presentes

em programas exclusivamente sonoros. Essa multimodalidade favorece uma melhor retenção de informação e um engajamento mais profundo com o conteúdo.

Apesar de demandar maior complexidade técnica na produção, incluindo o uso de câmeras, iluminação e ferramentas de edição de vídeo, o *videocast* tem se beneficiado das plataformas digitais que incorporam algoritmos de recomendação. Essa sinergia entre formato e tecnologia aumenta seu alcance, inserindo-o como uma mídia audiovisual relevante e complementar ao *podcast*.

Em suma, a convergência observada entre o áudio e o vídeo no fenômeno do videocast reflete a natureza híbrida e expansiva das mídias digitais contemporâneas. Ao integrar a linguagem visual à oralidade característica do podcast, rompem-se as fronteiras rígidas entre o rádio e a televisão, consolidando um formato fluido que atende à demanda por experiências sensoriais mais completas. Essa evolução não anula a premissa original da mídia — a distribuição sob demanda —, mas a complexifica, reafirmando o podcast e suas variações como protagonistas na ecologia da mídia pós-massiva, onde a flexibilidade de consumo e a profundidade de conteúdo são os principais vetores de valor.

1.2. Técnicas de Produção do Podcast

A produção de um *podcast* envolve várias etapas, desde a concepção do conteúdo até a distribuição final. Segundo Vanassi (2007), a produção de um podcast pode ser dividida em três fases principais: pré-produção, produção e pós-produção. Cada uma dessas etapas exige habilidades técnicas e criativas específicas, que podem variar dependendo do tipo de podcast e do público-alvo (Vanassi, 2007, p. 54).

Na fase de pré-produção, o produtor deve definir o tema do *podcast*, o formato (entrevista, debate, narrativa etc.) e o público-alvo. É importante também elaborar um roteiro ou um guia de pauta, que servirá como base para a gravação. Segundo Luz e Assis (2010), a pré-produção é crucial para garantir que o conteúdo seja relevante e bem estruturado, evitando improvisações excessivas durante a gravação.

A fase de produção envolve a gravação do áudio, que pode ser feita em estúdios profissionais ou em ambientes caseiros, dependendo do orçamento e da qualidade desejada. Para gravar um *podcast*, são necessários equipamentos básicos, como um microfone de boa qualidade, fones de ouvido e um *software* de gravação. O *Audacity*, por exemplo, é um *software* gratuito e de código aberto amplamente utilizado para gravação e edição de áudio (Luz; Assis, 2010). Durante a gravação, é importante prestar atenção à clareza da voz, à

eliminação de ruídos externos e à dinâmica entre os participantes, caso o *podcast* seja um debate ou entrevista.

A pós-produção é a etapa em que o áudio gravado é editado e finalizado. Isso inclui a remoção de ruídos indesejados, a inserção de efeitos sonoros, a adição de vinhetas e a mixagem do áudio. A edição é uma etapa crucial para garantir a qualidade final do *podcast*, pois é nessa fase que se corrigem erros de gravação e se ajusta o ritmo do programa. Segundo Vanassi (2007), a pós-produção também pode incluir a criação de arquivos de metadados, que facilitam a distribuição e a indexação do *podcast* em plataformas digitais (Vanassi, 2007).

A distribuição do *podcast* é feita por meio de plataformas como o *Spotify*, *Deezer* e *Apple Podcasts*, que permitem que os ouvintes assinem o programa e recebam automaticamente novos episódios. Além disso, muitos produtores utilizam redes sociais e sites próprios para promover seus programas e interagir com o público. A monetização do *podcast* pode ser realizada por meio de patrocínios, publicidade e financiamento coletivo, como o *crowdfunding* (Medeiros, Prata, 2019).

Para garantir uma produção de qualidade, é fundamental que o produtor escolha cuidadosamente os equipamentos e softwares adequados. Além do *Audacity*, mencionado anteriormente, existem outras opções de softwares de edição, como o *GarageBand* para usuários de *Mac* e o *Adobe Audition*, que oferecem recursos avançados para aprimorar a qualidade do áudio. A escolha do microfone também é crucial; modelos condensadores USB são populares entre iniciantes devido à facilidade de uso e boa qualidade sonora.

A promoção eficaz do *podcast* é outro aspecto vital para alcançar e expandir a audiência. Utilizar estratégias de *marketing* digital, como a criação de perfis em redes sociais, envio de *newsletters* e colaboração com outros *podcasters*, pode aumentar a visibilidade do programa. Participar de eventos e *webinars* relacionados ao tema do *podcast* também pode ser uma forma eficaz de *networking* e divulgação.

Além das plataformas tradicionais de distribuição, é interessante considerar a publicação do *podcast* em plataformas de vídeo, como o *YouTube*, aproveitando a popularidade do formato de vídeo para alcançar novos públicos. A criação de versões em vídeo dos episódios, mesmo que simples, pode atrair ouvintes que preferem consumir conteúdo audiovisual.

Observa-se que a análise de métricas e *feedback* dos ouvintes é essencial para o aprimoramento contínuo do *podcast*. Ferramentas de análise fornecidas pelas plataformas de hospedagem permitem monitorar o número de *downloads*, a retenção de audiência e outros

dados relevantes. Esse acompanhamento possibilita identificar quais temas e formatos ressoam mais com o público, orientando futuras produções.

Já no caso do *videocast*, é essencial definir o formato e o público-alvo da produção. O formato pode variar entre entrevistas presenciais, gravações em estúdio (“*talking head*”), *screencasts* ou episódios estáticos com apenas áudio e imagem fixa. Conforme Curso *Coursify* (2023), escolher o formato adequado envolve considerar o nível de conforto do apresentador, os recursos disponíveis e o tipo de interação desejada com a audiência.

O equipamento básico necessário inclui uma câmera com qualidade de vídeo adequada, microfone com captação limpa, iluminação equilibrada e um desktop ou notebook para gravação. Segundo RM Transmissão Digital (2023), é recomendado o uso de tripés, microfones externos e luzes suaves para minimizar ruídos e sombras, garantindo melhor qualidade visual e sonora.

Durante a gravação, é indicado criar um roteiro simplificado com pontos principais, testes de áudio e vídeo antes de começar e ambientar o espaço para evitar interrupções. O guia da Filmora (2025) sugere gravar sequências de demonstração ou “*takes*” curtos para facilitar a edição posterior, bem como separar trilhas de áudio e vídeo para sincronização alinhada na pós-produção.

Na edição e publicação, recomenda-se utilizar *softwares* profissionais como Adobe Premiere, DaVinci Resolve ou Filmora para cortes precisos, transições, correção de cor e inclusão de elementos visuais (vinhetas, legendas e *thumbnails*). Conforme Mídia Market (2023), a escolha da plataforma de hospedagem — *YouTube*, *Vimeo* ou agregadores como *Spotify* — e estratégias de divulgação (como postagens em redes sociais e e-mail marketing) são determinantes para ampliar o alcance e engajar o público.

1.3. História do Rádio e do Podcast no Brasil

A história do rádio no Brasil remonta ao início do século XX, com as primeiras transmissões experimentais realizadas na década de 1920. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923, é considerada por muitos como a primeira emissora de rádio do país. Criada por cientistas e pesquisadores da Academia Brasileira de Ciências, a Rádio Sociedade tinha como objetivo difundir a educação e a cultura entre a população, com programas que abordavam temas científicos e educativos (Moreira; Massarini, 2002, p. 37).

Na década de 1930, o rádio começou a se popularizar no Brasil, com a criação de emissoras comerciais que ofereciam programação diversificada, incluindo música, notícias e

radionovelas. O rádio se tornou um importante meio de comunicação de massa, influenciando a cultura e a política do país. Durante o Estado Novo (1937-1945), o rádio foi utilizado como ferramenta de propaganda pelo governo de Getúlio Vargas, que via no meio uma forma eficaz de alcançar a população (Moreira, 1998, p. 22).

O surgimento do podcast no Brasil ocorreu em 2004, com o lançamento do *Digital Minds*, de Danilo Medeiros. Esse foi o primeiro podcast brasileiro a utilizar a tecnologia de RSS para distribuição automática de arquivos de áudio. A partir de então, o *podcasting* começou a ganhar espaço no país, com a criação de diversos programas independentes que abordavam temas variados, como tecnologia, cultura e entretenimento (Luz; Assis, 2010, p. 4).

A popularização do *podcast* no Brasil foi impulsionada pelo crescimento da internet e pela facilidade de acesso a dispositivos móveis, como smartphones e tablets. Além disso, a criação de plataformas de distribuição, como o *Spotify* e o *Deezer*, permitiu que os *podcasters* alcançassem um público maior e diversificado. Segundo a PodPesquisa 2018, realizada pela Associação Brasileira de *Podcasters* (ABPod), o número de ouvintes de podcast no Brasil cresceu significativamente nos últimos anos, com destaque para programas como *Nerdcast*, *SciCast* e *Mamilos* (ABPod, 2018).

O podcasting no Brasil também se beneficiou da tradição do rádio, que sempre foi um meio de comunicação popular e acessível. Muitos podcasters brasileiros têm formação em rádio ou trabalham em emissoras tradicionais, o que contribui para a qualidade técnica e editorial dos programas. Além disso, o podcasting permitiu que vozes marginalizadas ou pouco representadas na mídia tradicional encontrassem um espaço para se expressar, democratizando o acesso à produção de conteúdo (Kischinhevsky, 2016,).

Ao longo das últimas décadas, o rádio no Brasil demonstrou uma notável capacidade de adaptação às novas tecnologias. Desde a popularização do FM na década de 1970, que ampliou a qualidade sonora, até a transição para plataformas digitais, o rádio continuou a desempenhar um papel central na comunicação. Com o advento da internet, o conceito de rádio expandido, conforme definido por Kischinhevsky (2016), tornou-se uma realidade prática, permitindo a integração de áudio, vídeo e texto em plataformas online. Hoje, as emissoras de rádio tradicionais coexistem com formatos digitais, como o *streaming*, alcançando uma audiência mais ampla e diversa.

Nos últimos anos, o podcast consolidou-se como uma extensão natural dessa evolução, adaptando características do rádio à lógica sob demanda. Entre 2018 e 2023, o mercado de podcasts no Brasil experimentou um crescimento expressivo, acompanhando a

expansão da conectividade e o aumento no uso de dispositivos móveis. Programas como “Flow Podcast”, “Podpah” e “Mano a Mano” ganharam destaque nacional, explorando formatos dinâmicos e temas variados, como cultura, política e entretenimento. Segundo a PodPesquisa 2022, realizada pela ABPod, a audiência brasileira de podcasts atingiu cerca de 34% dos usuários de internet no país, demonstrando o alcance crescente dessa mídia.

A diversificação temática do podcast é um dos fatores que contribuíram para sua popularidade. Além de programas voltados para o entretenimento, surgiram conteúdos voltados à educação, jornalismo e saúde mental, destacando-se iniciativas como “Café da Manhã”, produzido pela Folha de São Paulo, e “A Mulher da Casa Abandonada”, que combinou jornalismo investigativo e narrativa documental. Essa pluralidade não apenas atraiu diferentes públicos, mas também ampliou as possibilidades de uso do podcast como ferramenta educativa e informativa.

Outro *podcast* que tem boa audiência na atualidade é “O Assunto”, do G1, tratando de temas do momento, discutidos pela jornalista da Globo News, Natuza Nery, com a participação de jornalistas e analistas da TV Globo, do G1, da GloboNews e do Grupo Globo. O podcast “O Assunto” tem uma audiência significativa, com mais de 88 milhões de downloads desde a sua estreia em 2019. O programa é um dos mais ouvidos da América Latina e costuma figurar entre os principais podcasts no Brasil em diversas plataformas como Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts, e Deezer. O podcast completou seis anos em 2025 com mais de 1300 episódios e 150 milhões de reproduções. O Assunto recebeu o prêmio de melhor podcast de 2019 do Apple Podcasts e ter seus episódios entre os mais baixados da América Latina (Jornal Nacional, 2024).

Dessa forma, o cenário atual do podcast no Brasil reflete um equilíbrio entre a produção independente e a entrada de grandes empresas de mídia no setor. Enquanto criadores independentes utilizam plataformas como Anchor para distribuir seus programas, empresas consolidadas têm investido em produções de alta qualidade técnica e conteúdos exclusivos. Essa convergência entre profissionais e amadores, aliada à democratização do acesso às tecnologias de produção, contribui para a contínua expansão e relevância do podcast como uma mídia digital indispensável no Brasil contemporâneo.

Ainda neste contexto de expansão, a partir de 2018, o mercado nacional presenciou a ascensão vertiginosa dos *videocasts*, popularmente denominados “mesacasts”. Esse formato híbrido, que alia a oralidade radiofônica à estética visual dos programas de entrevista televisivos, utiliza plataformas como o YouTube para transmissão ao vivo e armazenamento

sob demanda. O pioneirismo desse modelo no Brasil é atribuído ao *Flow Podcast*, criado em 2018, que, inspirado no norte-americano *The Joe Rogan Experience*, estabeleceu uma linguagem informal, de longa duração e sem roteiros rígidos, características que viriam a definir o gênero (Mercado Hoje, 2025).

A consolidação definitiva do *videocast* como fenômeno de massa ocorreu com o surgimento do *Podpah* em 2020, que rapidamente alcançou recordes de audiência na internet brasileira. A relevância desse formato foi evidenciada nas eleições de 2022, quando episódios com candidatos à presidência no *Flow Podcast* e no *Podpah* ultrapassaram a marca de um milhão de espectadores simultâneos (CNN Brasil, 2022). Além das transmissões na íntegra, a popularização desses programas fomentou a "cultura dos cortes" — trechos curtos e editados dos episódios —, que se tornaram fundamentais para a viralização e capilaridade do conteúdo em redes sociais como Instagram e TikTok, atraindo uma nova geração de consumidores para o formato.

2. A adoção de filhos por pais homoafetivos

A adoção por casais homoafetivos tem se tornado um tema de crescente relevância no cenário internacional, refletindo as transformações sociais e jurídicas que buscam reconhecer e garantir os direitos da comunidade LGBTQIA+. Em diversos países, avanços legislativos têm permitido que casais do mesmo sexo exerçam plenamente o direito à parentalidade, seja por meio da adoção ou de técnicas de reprodução assistida.

No entanto, a realidade global é marcada por contrastes significativos. Enquanto nações como Holanda, Espanha e Canadá foram pioneiras na legalização da adoção por casais homoafetivos, outras ainda impõem restrições legais ou enfrentam resistências culturais e religiosas que dificultam a consolidação desses direitos. Segundo levantamento da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA), apenas 17% dos países membros da ONU reconhecem o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o que impacta diretamente na possibilidade de adoção conjunta por esses casais (Deutschewelle, 2023).

Estudos científicos têm demonstrado que a orientação sexual dos pais não influencia negativamente o desenvolvimento emocional, social ou cognitivo das crianças. O que se mostra determinante é a qualidade das relações afetivas e o ambiente familiar proporcionado. Pesquisas indicam que crianças criadas por casais homoafetivos apresentam níveis de bem-estar e ajustamento psicológico semelhantes aos de crianças criadas por casais heterossexuais (IBDFAM, 2024).

Apesar das evidências científicas e dos avanços legais em algumas regiões, o preconceito e a discriminação ainda são grandes obstáculos. Em muitos países, como Rússia, Polônia e Qatar, casais homoafetivos enfrentam processos de adoção mais longos e complexos, além de julgamentos sociais que questionam sua capacidade parental. Organizações internacionais e movimentos sociais têm desempenhado um papel crucial na promoção de políticas inclusivas e na sensibilização da sociedade para a importância da diversidade familiar.

Apesar dos avanços observados em algumas partes do mundo, é importante ressaltar que o processo de legalização da adoção por casais homoafetivos frequentemente enfrenta resistência baseada em argumentos morais e religiosos. Instituições conservadoras e grupos políticos muitas vezes utilizam discursos de proteção à “família tradicional” para justificar medidas que limitam os direitos dessa população. Esses discursos não apenas reforçam estereótipos ultrapassados, mas também dificultam o progresso em direção à igualdade e à aceitação social da homoparentalidade¹.

A questão da adoção por casais homoafetivos também revela desigualdades estruturais que variam de acordo com o contexto socioeconômico de cada país. Em nações em desenvolvimento, onde o preconceito é frequentemente mais arraigado, a implementação de políticas inclusivas enfrenta desafios adicionais, como a falta de recursos para treinamento de profissionais no sistema de adoção e a escassez de campanhas públicas que promovam a conscientização sobre a diversidade familiar. Esse cenário perpetua barreiras que impedem muitos casais homoafetivos de concretizarem o sonho de formar uma família.

Por outro lado, as mudanças positivas em alguns países têm inspirado movimentos de *advocacy* global² que trabalham para replicar essas conquistas em regiões onde os direitos LGBTQIA+ ainda são limitados. Ações como a criação de redes internacionais de apoio, o compartilhamento de boas práticas legislativas e a organização de eventos que celebrem a diversidade são fundamentais para ampliar a visibilidade da homoparentalidade e combater os preconceitos arraigados na sociedade.

O reconhecimento da adoção por pais homoafetivos é mais do que uma questão legal; é um reflexo do compromisso de uma sociedade com os valores de igualdade, respeito e inclusão. À medida que mais países avançam nessa direção, o impacto positivo dessa transformação se torna evidente, não apenas para as famílias diretamente envolvidas, mas também para a construção de um mundo onde todas as formas de amor e cuidado sejam igualmente valorizadas.

Para que essa mudança se consolide globalmente, é essencial o engajamento contínuo de governos, organizações civis e da sociedade como um todo.

Assim, a adoção por pais homoafetivos, no contexto global, representa não só uma questão de direitos civis, mas também um desafio contínuo na luta contra o preconceito e na promoção de sociedades mais justas e igualitárias.

2.1 Adoção homoafetiva no Brasil.

No Brasil, a adoção por casais homoafetivos tem sido objeto de importantes transformações legais e sociais nas últimas décadas. A Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) estabelece a igualdade de direitos entre os filhos, sejam eles biológicos ou adotivos, e não faz distinção quanto à orientação sexual dos pais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990) também não impõe restrições nesse sentido, priorizando sempre o melhor interesse da criança.

Em 2010, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) reconheceu, por unanimidade, o direito de casais homoafetivos adotarem crianças conjuntamente. Esse entendimento foi reforçado em 2011 pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, garantindo-lhes os mesmos direitos dos casais heterossexuais, incluindo o direito à adoção.

Desde então, o número de adoções por casais homoafetivos tem crescido significativamente. Dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) indicam que, entre 2019 e 2023, o número de adoções realizadas por casais do mesmo sexo triplicou, passando de 145 em 2019 para 416 em 2023 (Observatório G, 2024). Apesar desse avanço, ainda existem desafios a serem superados.

O preconceito e a discriminação continuam presentes em diversas etapas do processo de adoção. Casais homoafetivos relatam enfrentarem processos mais demorados e burocráticos, além de resistência por parte de profissionais envolvidos no sistema de adoção. Em algumas regiões, especialmente nas mais conservadoras, o estigma social é um obstáculo adicional que dificulta a formação de famílias homoafetivas (Agência Brasil, 2024).

Além disso, é importante destacar que a maioria das crianças disponíveis para adoção no Brasil é negra, tem mais de sete anos ou possui alguma condição de saúde específica. Casais homoafetivos, muitas vezes, demonstram maior abertura para adotar crianças com esse perfil, contribuindo para a redução do número de crianças em instituições de acolhimento (Agência Brasil, 2024).

Para avançar na garantia plena dos direitos das famílias homoafetivas, é fundamental investir em políticas públicas que promovam a formação continuada de profissionais do sistema de justiça e assistência social, visando eliminar práticas discriminatórias. Campanhas de conscientização também são essenciais para combater o preconceito e valorizar a diversidade familiar.

Apesar das conquistas legais, ainda há lacunas no processo de adoção por casais homoafetivos no Brasil. Uma das principais dificuldades está relacionada à falta de uniformidade nos critérios aplicados por diferentes varas de família e por profissionais que atuam no processo. A subjetividade nas avaliações psicológicas e sociais pode abrir espaço para preconceitos implícitos, dificultando ou atrasando a conclusão dos processos. Esse cenário demonstra a necessidade de maior padronização e transparência nos procedimentos de adoção, garantindo que todos os casais sejam tratados com igualdade e respeito.

Outro ponto relevante é o impacto do preconceito social sobre as famílias formadas por casais homoafetivos. Crianças adotadas por esses casais podem enfrentar discriminação no ambiente escolar e em outros contextos sociais, o que reforça a importância de políticas públicas que promovam a inclusão e o combate à discriminação. Escolas e instituições de acolhimento precisam estar preparadas para lidar com a diversidade familiar, oferecendo um ambiente acolhedor para todos os alunos, independentemente da composição de suas famílias (Mesquita, 2022).

Além disso, a visibilidade das famílias homoafetivas é um fator essencial para a normalização desse modelo familiar na sociedade brasileira. Projetos culturais, como filmes, livros e campanhas publicitárias que retratem a homoparentalidade de forma positiva, podem desempenhar um papel importante na desconstrução de estereótipos e na promoção da aceitação social. Iniciativas desse tipo não apenas educam, mas também inspiram outras pessoas a repensar preconceitos enraizados e valorizar a diversidade (Oliveira, 2015).

Um exemplo emblemático de homoparentalidade no Brasil é a família formada pelo ator Paulo Gustavo e seu companheiro Thales Bretas. Em 2019, o casal anunciou a chegada dos gêmeos Romeu e Gael, gerados por meio de gestação por substituição nos Estados Unidos. A paternidade do casal representou a concretização de um sonho e ganhou grande visibilidade na mídia, contribuindo para a normalização social da homoparentalidade no país. Paulo e Thales enfatizavam a importância de criar um ambiente familiar pautado no amor, no diálogo e na corresponsabilidade, com ambos desempenhando papéis ativos e equilibrados na vida dos filhos (Es Hoje, 2019).

Após o falecimento de Paulo Gustavo em 2021, Thales assumiu a paternidade solo, contando com o apoio de familiares próximos para oferecer um ambiente estável e acolhedor às crianças. Em entrevistas, Thales destacou os desafios de assumir os dois papéis parentais, mas reforçou que a rede de apoio familiar foi essencial para proporcionar continuidade no cuidado e desenvolvimento emocional de Romeu e Gael. Esse modelo de convivência reflete a diversidade de configurações familiares, onde o afeto e a solidariedade prevalecem sobre as estruturas tradicionais (Revista Híbrida, 2023).

A convivência dos gêmeos com Thales Bretas tem sido marcada por momentos de qualidade e atividades que promovem o vínculo afetivo, como passeios ao ar livre, viagens e experiências culturais. Mesmo em meio a desafios, Thales relatou buscar equilíbrio entre sua carreira e o cuidado dedicado aos filhos, criando um ambiente em que a segurança emocional e a formação de memórias afetivas positivas são prioritárias (O Tempo, 2023).

Nesse sentido, a adoção por pais homoafetivos no Brasil representa um importante passo na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde o amor e o cuidado são os pilares fundamentais da formação familiar, independentemente da orientação sexual dos pais.

Portanto, é importante destacar que o fortalecimento das redes de apoio para casais homoafetivos é um elemento crucial no processo de adoção. Grupos de apoio e organizações da sociedade civil têm desempenhado um papel fundamental, fornecendo informações, suporte emocional e advocacia para casais enfrentando barreiras no sistema de adoção. Essas redes não apenas fortalecem as famílias homoafetivas, mas também contribuem para um diálogo mais amplo sobre inclusão e igualdade no Brasil.

2.2 Casais homoafetivos: a convivência diária com os filhos adotivos

A convivência diária entre pais homoafetivos e seus filhos adotivos é o espaço onde a parentalidade efetivamente se concretiza, transcendendo as barreiras jurídicas e burocráticas iniciais do processo de adoção. É no cotidiano, marcado pelas rotinas de cuidado, educação e afeto, que se constroem os laços de filiação socioafetiva, desmistificando a premissa de que a consanguinidade seria pré-requisito para o sucesso familiar. Segundo Uziel (2007), a parentalidade nesses lares é exercida por meio de um investimento afetivo intenso e consciente, onde os papéis parentais tendem a ser desempenhados de forma mais igualitária e flexível entre os parceiros, rompendo com a tradicional divisão de tarefas baseada em gênero que frequentemente caracteriza as famílias heteronormativas.

No entanto, essa rotina familiar não está isenta de desafios externos, decorrentes majoritariamente de uma sociedade estruturada sob padrões heterocentrados. O principal obstáculo relatado na literatura não reside na dinâmica interna da casa, mas sim no enfrentamento do preconceito e da invisibilidade social em espaços públicos e institucionais, como a escola. Oliveira (2015) destaca que essas famílias precisam desenvolver estratégias constantes para proteger e orientar seus filhos diante de questionamentos discriminatórios sobre a ausência de uma figura materna ou paterna convencional. Esse "estado de alerta" exige dos pais uma preparação emocional adicional para dialogar abertamente com a criança sobre sua origem e a configuração de sua família, transformando a diferença em um valor positivo de diversidade.

Apesar das adversidades impostas pelo olhar externo, a vivência da homoparentalidade é permeada por alegrias significativas, oriundas da conquista de um projeto parental muitas vezes longamente planejado e desejado. A solidez dos vínculos construídos nessas famílias demonstra que o afeto é o elemento determinante para o desenvolvimento saudável da criança, superando estigmas sociais. Para Dias (2010), a felicidade e a estabilidade observadas nesses lares comprovam que a capacidade de amar e educar independe da orientação sexual dos genitores, sendo a convivência harmoniosa e o respeito mútuo os verdadeiros indicadores de sucesso na formação do sujeito e na consolidação do núcleo familiar.

No que tange ao desenvolvimento psicossocial das crianças, diversos estudos refutam a crença do senso comum de que a orientação sexual dos pais influenciaria negativamente a formação moral ou sexual dos filhos. Segundo Weber (2011), o que determina a saúde emocional da criança não é o gênero ou a sexualidade dos genitores, mas a qualidade do vínculo afetivo, a estabilidade do ambiente doméstico e a capacidade dos adultos de prover cuidado e limites. Observa-se que, no cotidiano dessas famílias, as funções parentais são exercidas com base na disponibilidade e no afeto, desvinculando-se dos papéis rígidos tradicionalmente atribuídos a "pai" e "mãe", o que permite à criança internalizar modelos de relacionamento baseados no respeito e na cooperação, e não apenas na diferença de gênero.

Entretanto, um dos desafios mais complexos enfrentados na convivência diária reside na interface com o ambiente escolar. A escola, muitas vezes estruturada sob uma lógica heteronormativa, pode se tornar um espaço de tensão quando não está preparada para acolher a diversidade familiar. Pesquisas de Cecílio e Scorsolini-Comin (2016) apontam que filhos de casais homoafetivos podem sofrer situações de constrangimento em atividades corriqueiras, como a celebração do Dia das Mães ou dos Pais, exigindo dos adotantes uma postura proativa

de diálogo com a instituição de ensino. Essa necessidade de constante vigilância e intervenção pedagógica por parte dos pais é um esforço adicional que não costuma ser exigido de famílias heteroparentais, configurando-se como um estressor cotidiano específico da homoparentalidade.

Adicionalmente, verifica-se um fenômeno descrito por Uziel (2007) como a busca pela "superparentalidade". Diante da pressão social e da vigilância externa, muitos casais homoafetivos sentem a necessidade implícita de serem pais "perfeitos" para legitimar sua aptidão perante a sociedade e o Estado. Essa busca pela excelência no cuidado diário, embora resulte em um ambiente de alta dedicação e investimento na educação dos filhos, pode gerar uma sobrecarga emocional aos pais, que temem que qualquer falha comum à parentalidade seja utilizada como argumento para desqualificar sua estrutura familiar. Portanto, o desafio diário não é apenas cuidar da criança, mas blindar a família contra o julgamento moral externo.

Conclui-se, portanto, que a convivência em famílias homoparentais adotivas é marcada pela prevalência do afeto como elemento estruturante, capaz de suprir plenamente as necessidades de desenvolvimento infantojuvenil. As alegrias vivenciadas nessas configurações familiares assemelham-se às de qualquer outro núcleo: a celebração das conquistas dos filhos, a construção de memórias conjuntas e a satisfação do exercício do cuidado. A literatura científica contemporânea e a jurisprudência atual convergem para o entendimento de que a homoparentalidade é um ambiente saudável e legítimo, desconstruindo mitos de que a ausência de diferenciação de gênero entre os pais causaria prejuízos psíquicos à prole.

Por fim, é imperativo reconhecer que os maiores obstáculos para essas famílias não são internos, mas externos, advindos do preconceito e da falta de preparo das instituições sociais. A normalização da convivência diária de casais homoafetivos com seus filhos adotivos depende, fundamentalmente, de uma mudança cultural que acompanhe os avanços legais já conquistados. Garantir que essas crianças cresçam livres de estigmas exige um compromisso coletivo da escola, da sociedade e do Estado em respeitar a pluralidade das formas de amar, validando a premissa constitucional de que família é, acima de tudo, um núcleo de afeto e solidariedade (Dias, 2016).

3. Podcast: (Vi) no Twitter

O produto prático desenvolvido no âmbito deste trabalho é o podcast intitulado "(Vi) no Twitter", concebido como uma ferramenta de comunicação digital voltada para a

amplificação de debates sociais contemporâneos. O projeto tem como objetivo central identificar temas de alta relevância pública que circulam nas redes sociais — especificamente aqueles que, apesar de sua importância, possuem pouca visibilidade nos meios de comunicação de massa tradicionais — e aprofundá-los por meio de diálogos informativos. A proposta editorial do programa baseia-se em trazer convidados que possuam vivência empírica ("lugar de fala") sobre os assuntos abordados, promovendo uma troca de conhecimentos que alia a experiência pessoal à função social do jornalismo de informar e educar a audiência.

O episódio inaugural do projeto dedicou-se ao tema "Adoção por parte de pais homoafetivos", alinhando-se diretamente à discussão teórica proposta nesta monografia. Para debater o assunto, o programa contou com a participação do fisioterapeuta Fábio Peclat dos Santos, e do técnico de enfermagem José Lima de Jesus. O casal, que vive em união homoafetiva, compartilhou sua trajetória no processo de adoção de dois irmãos, oferecendo um relato detalhado sobre os trâmites legais, a adaptação familiar e a construção dos vínculos de filiação. A escolha desses entrevistados permitiu humanizar os dados e teorias apresentados anteriormente, transformando conceitos abstratos de Direito de Família e Psicologia em uma narrativa real e acessível.

Complementarmente à vivência dos pais, o episódio incorporou a perspectiva clínica por meio da participação de Lino Rezende, psicólogo especializado na temática. Em virtude de o profissional residir fora do território brasileiro, sua contribuição foi viabilizada mediante o uso de ferramentas de comunicação remota, o que permitiu superar as barreiras geográficas sem comprometer a qualidade técnica do debate. A intervenção do especialista foi fundamental para conferir embasamento teórico às experiências relatadas, analisando os aspectos emocionais e comportamentais da adoção e oferecendo ao ouvinte uma compreensão mais robusta sobre os desafios e as potencialidades do desenvolvimento infantil em lares homoparentais.

A realização deste episódio demonstrou a eficácia do podcast como instrumento de combate ao preconceito e de normalização das novas configurações familiares. Ao dar voz a Fábio e José, o "(Vi) no Twitter" cumpriu seu papel de mediação, esclarecendo dúvidas comuns sobre a homoparentalidade e evidenciando a capacidade de acolhimento e cuidado presente nesses núcleos familiares. O conteúdo produzido não apenas registrou a experiência exitosa de uma adoção tardia e inter-racial, mas também serviu como material de apoio para ouvintes que buscam referências positivas sobre o tema, consolidando a relevância do

formato de áudio sob demanda na disseminação de informações de interesse público e na promoção da cidadania.

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Vítor Daniel Carvalho Arruda

A trajetória de desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso teve seu início nos primeiros meses de 2025, coincidindo com as semanas iniciais do ano letivo. A etapa preliminar foi marcada por uma imersão teórica, na qual dediquei-me à leitura intensiva de artigos acadêmicos para compreender o estado da arte sobre o assunto. Embora eu sempre tenha nutrido uma facilidade natural para a escrita, a transição para a produção textual de caráter científico apresentou-se como um desafio estimulante. Foi necessário adaptar a fluidez do meu estilo pessoal às exigências de rigor, objetividade e normatização que a academia demanda, um exercício que aprimorou significativamente minha capacidade de argumentação técnica.

A definição do objeto de estudo não foi imediata. O tema da adoção por pares homoafetivos não figurava, a princípio, como a primeira opção de pesquisa. No entanto, após um período de investigação mais aprofundada e, fundamentalmente, por meio de reflexões conjuntas com a orientadora do projeto, a professora Eliani Covem, houve um redirecionamento do olhar. Optou-se pelo tema atual por compreender sua relevância social e humana. A escolha baseou-se na percepção de que este é um assunto que, além de necessário e inclusivo, carrega uma carga emocional e uma "leveza" — no sentido de promover o amor e o acolhimento — que contrastava positivamente com outras temáticas mais áridas ou puramente técnicas, permitindo um trabalho que alia informação jurídica e sensibilidade.

Superada a etapa de definição temática, iniciou-se o processo de curadoria dos convidados, que se revelou mais complexo do que o antecipado. Houve uma dificuldade tangível em localizar pais homoafetivos que tivessem constituído família especificamente pela via da adoção, visto que uma parcela significativa da comunidade recorre a outros métodos, como a gestação por substituição ou inseminação artificial.

Nesse contexto, enfrentei um imprevisto crítico às vésperas da gravação: o entrevistado originalmente convidado, pai de outra família, precisou cancelar sua participação em um prazo exíguo. Diante da urgência, solicitei ao convidado já confirmado, Fabio Peclat, que intermediasse o convite ao seu companheiro, José Lima. Prontamente, José aceitou o desafio de integrar a bancada, uma mudança que, embora inesperada, acabou por enriquecer o conteúdo ao trazer a perspectiva completa do casal. Paralelamente, a inclusão do psicólogo

Lino Rezende foi estratégica, visando ancorar o debate emocional em um conhecimento técnico profissional.

A definição do local de gravação também impôs dilemas logísticos. Inicialmente, cogitou-se a utilização dos estúdios da própria universidade; contudo, uma análise técnica indicou limitações de infraestrutura que poderiam comprometer a qualidade final do produto sonoro. Diante disso, optei pela realização externa. O processo de seleção envolveu uma triagem minuciosa, visto que os orçamentos comerciais excediam a verba disponível. A solução surgiu por meio de uma indicação profissional de um estúdio que, reconhecendo o caráter acadêmico do trabalho, ajustou o preço ao nosso orçamento.

Todo o processo de produção foi atravessado por um desafio constante: a administração do tempo. Conciliar a rigorosa rotina de trabalho com os estudos e as demandas específicas da produção do videocast exigiu um exercício de disciplina e organização extremos. A sobreposição de responsabilidades profissionais e acadêmicas por vezes gerou momentos de tensão, demandando sacrifícios pessoais para garantir que os prazos do TCC fossem cumpridos sem prejuízo à qualidade da pesquisa.

No dia da gravação, o impacto de assumir a função de *host* (anfitrião) pela primeira vez manifestou-se em forma de nervosismo. A responsabilidade de conduzir uma entrevista sensível, gerenciar o tempo e garantir a fluidez do diálogo pesou nos momentos iniciais. Entretanto, assim que os microfones foram abertos, a tensão deu lugar a uma interação natural e produtiva. A dinâmica entre os entrevistados fluiu com espontaneidade, e tanto o casal quanto o psicólogo trouxeram informações profundas e vivências genuínas que complementaram o referencial teórico de forma exemplar. O resultado superou as expectativas iniciais, consolidando o podcast não apenas como um requisito avaliativo, mas como um material de relevância social.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

3.1 Pré-Produção e Metodologia de Casting

A fase de pré-produção do *videocast* "(Vi) no Twitter" iniciou-se com um planejamento editorial rigoroso, focado na definição de pautas que aliassem relevância social a uma abordagem humanizada. A metodologia adotada para a seleção dos participantes, conhecida como *casting*, baseou-se nos critérios de representatividade e vivência empírica. O objetivo primordial foi identificar personagens reais cujas histórias de vida pudessem ilustrar e validar a fundamentação teórica desenvolvida ao longo da pesquisa, fugindo de abordagens puramente especulativas e priorizando o "lugar de fala" de quem vivencia a adoção homoafetiva no cotidiano.

A etapa seguinte envolveu a logística de agendamento e a preparação técnica dos convidados. O processo exigiu uma articulação precisa para conciliar as agendas dos pais, Fábio Peclat e José Lima, com a disponibilidade do estúdio de gravação. Simultaneamente, foi necessário coordenar a participação do psicólogo Lino Rezende, que, residindo fora do país, integrou a mesa de debate de forma virtual. Para assegurar a qualidade dessa interação híbrida, foram realizados testes prévios de conexão e estabilidade de rede, garantindo que a latência da comunicação remota não prejudicasse a fluidez do diálogo no dia da gravação.

A definição do local de gravação constituiu uma etapa estratégica para assegurar a qualidade estética e sonora do produto, visto que a infraestrutura disponível na universidade apresentava limitações acústicas e de iluminação que poderiam comprometer o resultado profissional almejado. Diante disso, optou-se pela locação de um estúdio profissional externo, selecionado após uma criteriosa pesquisa de mercado que buscou alinhar excelência técnica com viabilidade financeira. O espaço escolhido demonstrou sensibilidade ao caráter acadêmico do projeto.

No que tange aos aspectos técnicos de captação, o estúdio ofereceu um *setup* completo e padronizado para a produção de *podcasts* audiovisuais. O sistema de áudio foi composto por microfones dinâmicos cardióides, modelos essenciais para esse formato por sua capacidade de isolar a voz do locutor e rejeitar ruídos ambientes, montados em braços articulados com sistemas de amortecimento (*shock mounts*) para evitar vibrações na mesa. Cada participante contou com fones de ouvido para retorno, permitindo o monitoramento da própria voz em tempo real. Já a captação de imagem utilizou um conjunto de câmeras digitais de alta resolução, posicionadas para cobrir múltiplos ângulos: um plano aberto para situar a

mesa e planos fechados individuais para captar as expressões do *host* e dos convidados.

Ainda compondo a infraestrutura, a iluminação seguiu o padrão de três pontos, utilizando *Softboxes* com difusores para garantir uma luz suave nos rostos, complementada por iluminação RGB ao fundo para conferir profundidade e modernidade ao cenário. O ambiente foi mobiliado com uma mesa acústica específica para *broadcast*, que permite a ocultação do cabeamento, e cadeiras ergonômicas para conforto durante a sessão. O estúdio também disponibilizou uma tela de televisão de alta definição, fundamental para integrar visualmente a participação remota do psicólogo ao cenário. Toda essa estrutura foi gerenciada por um único operador técnico, responsável pelo corte de câmeras e pela mixagem de som simultânea, otimizando o fluxo de gravação.

A edição de vídeo foi fundamental para conferir ritmo e acabamento profissional ao material bruto, que foi confiada ao editor Diogo Alves da Silva. A ferramenta escolhida para todo o processo de montagem, mixagem e finalização foi o aplicativo CapCut Pro. A opção por esse *software* justificou-se pela sua robustez e versatilidade, oferecendo um fluxo de trabalho otimizado e ferramentas nativas de inteligência artificial que agilizam processos complexos, como a sincronização de áudio e vídeo e o tratamento de cor.

O trabalho de edição focou na construção de uma narrativa dinâmica, removendo pausas excessivas, ruídos indesejados e momentos de hesitação que poderiam dispersar a atenção da audiência. Além do corte técnico, foi realizado o tratamento colorimétrico (*color grading*) para uniformizar as imagens das diferentes câmeras e a inserção de elementos gráficos da identidade visual do programa. O CapCut Pro também foi essencial para a geração de legendas e cortes verticais para redes sociais, garantindo que o conteúdo final estivesse pronto para ser distribuído em múltiplas plataformas digitais com a máxima qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho percorreu um trajeto que uniu a investigação teórica sobre as novas configurações familiares à prática da comunicação digital, culminando na produção do videocast "(Vi) no Twitter". Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que a discussão sobre a adoção por casais homoafetivos transcende o campo jurídico; trata-se de uma pauta urgente de direitos humanos e cidadania. Trazer esse debate para o centro da academia e materializá-lo em um produto midiático reafirma o compromisso ético da Comunicação Social em dar visibilidade a grupos historicamente marginalizados, combatendo a desinformação com narrativas reais e humanizadas.

A escolha pelo formato *videocast* demonstrou-se assertiva diante do cenário midiático contemporâneo. Em uma era marcada pela convergência digital e pela disputa pela atenção, essa mídia de grande alcance e visibilidade permite que conteúdos complexos sejam consumidos de maneira acessível e democrática. A capacidade do podcast de penetrar no cotidiano das pessoas — seja no trânsito, no trabalho ou em momentos de lazer — transforma-o em uma ferramenta pedagógica poderosa. Ao utilizar esse canal para falar de amor e acolhimento, o projeto conseguiu furar "bolhas" sociais, levando informação de qualidade a públicos que, talvez, não tivessem acesso a essa discussão por meios tradicionais.

No que tange ao desenvolvimento pessoal e acadêmico, a realização deste trabalho proporcionou um aprendizado imensurável. A transição da teoria para a prática exigiu o desenvolvimento de competências multidisciplinares, desde a gestão de tempo e recursos financeiros até a habilidade de conduzir uma entrevista sensível e dinâmica. Enfrentar os desafios da produção — como a busca por locação, a curadoria de entrevistados e a superação do nervosismo inicial de atuar como *host* — representou um rito de passagem fundamental para a minha formação profissional, consolidando a certeza da responsabilidade que o comunicador carrega ao segurar um microfone.

Além do aspecto técnico, a experiência humana de ouvir Fabio Peclat e José Lima foi transformadora. O contato direto com a história de luta, espera e realização desse casal desmistificou conceitos abstratos estudados na literatura, conferindo rosto e voz à estatística. A participação do psicólogo Lino Rezende, por sua vez, reforçou a importância de aliar a vivência empírica ao conhecimento científico. Esse encontro de saberes evidenciou que a parentalidade socioafetiva é construída no dia a dia, e que o vínculo amoroso é o único pré-requisito verdadeiro para a formação de uma família saudável.

Diante do exposto, conclui-se que o silêncio e a invisibilidade são os maiores aliados do preconceito. Portanto, iniciativas como o "(Vi) no Twitter" não devem ser ações isoladas. É de suma importância que outros programas, reportagens e produtos culturais continuem a abordar a temática da homoparentalidade sob uma ótica positiva e naturalizadora. A sociedade precisa ser exposta, de forma recorrente, a esses modelos familiares para que o estranhamento dê lugar ao reconhecimento, e para que a diversidade deixe de ser vista como exceção.

Sugere-se, assim, que futuros trabalhos acadêmicos e projetos de comunicação expandam essa discussão, abordando outras nuances da adoção, como a adoção tardia, a adoção de grupos de irmãos e a parentalidade transafetiva. Quanto mais histórias forem contadas, mais robusto se tornará o imaginário social sobre o tema, contribuindo para a construção de uma cultura onde a orientação sexual dos pais seja apenas um detalhe diante da grandiosidade do ato de adotar.

Por fim, encerra-se este ciclo com a convicção de que a comunicação é um instrumento de transformação social. Se este trabalho tiver contribuído, ainda que minimamente, para que uma pessoa repense seus conceitos ou para que uma família se sinta representada, seu objetivo maior terá sido alcançado. A naturalização do amor em todas as suas formas é um processo contínuo, e cabe a nós, comunicadores, manter essa pauta viva, visível e pulsante nos meios de comunicação de massa.

REFERÊNCIAS

ABPOD. **PodPesquisa 2018**. Disponível em:

<http://www.abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2019.

AGÊNCIA BRASIL. **Casais homoafetivos ainda enfrentam preconceitos para adotar crianças**. 2024. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-05/casais-homoafetivos-ainda-enfrentam-preconceitos-para-adotar-criancas>. Acesso em: 20 maio 2025.

Berry, Richard. Will the iPod Kill the Radio Star? Profiling Podcasting as Radio.

Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies, Londres, v. 12, n. 2, p. 143-162, 2006.

Bonini, Tiziano. The ‘Second Age’ of Podcasting: reframing Podcasting as a New Digital Mass Medium. **Quaderns del CAC**, Barcelona, n. 41, v. 18, p. 23-30, jul. 2015.

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

Brasil. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Senado Federal, 1990.

Brown, Abbie Howard; GREEN, Timothy D. Video podcasting in perspective: the history, technology, aesthetics and instructional uses of a new medium. **Journal of Educational Technology Systems**, v. 36, n. 1, p. 3-17, set. 2007. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/249233943_Video_Podcasting_in_Perspective_The_History_Technology_Aesthetics_and_Instructional_Uses_of_a_New_Medium. Acesso em: 13 jun. 2025.

COURSIFY.ME. **Como gravar e lançar um videocast**: guia para iniciantes. Coursify Blog, 2023. Disponível em: <https://blog.coursify.me/pt/como-gravar-um-videocast/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

DEUTSCHE WELLE. **Casamento homoafetivo só é reconhecido em 17% dos países**. 2023. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/09/29/casamento-homoafetivo-so-e-reconhecido-em-17-dos-paises.htm>. Acesso em: 20 maio 2025.

Dias, Maria Berenice. **União homoafetiva**: o preconceito e a justiça. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

ES HOJE. **Paulo Gustavo e o marido se tornam pais de gêmeos, através da Reprodução Assistida**. ES Hoje, Vitória, 20 ago. 2019. Disponível em:

<https://eshoje.com.br/entretenimento/2019/08/paulo-gustavo-e-o-marido-se-tornam-pais-de-gemeos-atraves-da-reproducao-assistida-entenda/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

FILMORA. **Como criar um podcast de vídeo**: Guia para iniciantes. Wondershare Filmora, 17 dez. 2024. Disponível em: <https://filmora.wondershare.com.br/video-editing/how-to-record-video-podcast.html>. Acesso em: 13 jun. 2025.

IBDFAM. **Adoção por casais homoafetivos e o melhor interesse da criança**. 2024. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/artigos/1043/Ado%C3%A7%C3%A3o%2Bpor%2Bcasais%2Bhomoafetivos>. Acesso em: 20 maio 2025.

JORNAL NACIONAL. **Podcast O Assunto completa 5 anos com quase 150 milhões de reproduções**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/08/24/podcast-o-assunto-completa-5-anos-com-quase-150-milhoes-de-reproducoes.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2025.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LUZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 10; congresso brasileiro de ciências da comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. p. 1-15.

MESQUITA, Alexandre. **A aprendizagem escolar de crianças de famílias homoafetivas**: a percepção de educadores(as). 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2022.

MÍDIA MARKET. **O que é videocast e como produzir?** Mídia Market, 2023. Disponível em: <https://midia.market/conteudos/midia/o-que-e-videocast/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARINI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARINI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima (Org.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.

MOREIRA, Sonia Virginia. **Rádio Palanque**: Fazendo política no ar. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

O TEMPO. **Thales Bretas explica como mantém viva a memória de Paulo Gustavo para os filhos**: “Estão mais curiosos”. O Tempo, Belo Horizonte, 12 ago. 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/televisao/thales-bretas-explica-como-mantem-viva-a-memoria-de-paulo-gustavo-para-os-filhos-estao-mais-curiosos-1.3155195>. Acesso em: 21 nov. 2025.

OBSERVATÓRIO G. **Adoção por casais homoafetivos cresce 186% no Brasil em quatro anos**. 2024. Disponível em:

<https://observatoriog.com.br/noticias/adocao-por-casais-homoafetivos-cresce-186-no-brasil-e-m-quatro-anos/>. Acesso em: 20 maio 2025.

OLIVEIRA, Amanda Cristina Ramos de. Famílias Homoparentais: reflexões acerca do ser família na contemporaneidade. In: Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), 18., 2015, Recife. **Anais...** Recife: UFPB, 2015.

PMG. **The State of Podcasting**. Disponível em: <https://www.pmg.com/insights/state-of-podcasting>. Acesso em: 8 abr. 2025.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto**, Porto Alegre, n. 13, p. 1-18, 2005.

REVISTA HÍBRIDA. **Thales Bretas Sobre Paternidade E Luto: "Falar Ajuda A Lidar Com A Perda"**. Revista Híbrida, [S.l.], ed. 8, 2023. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-8-desejo/tales-bretas-entrevista-podcast/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

REZENDE, Edson Dalmonete. Podcast: reinvenção da comunicação sonora na web. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0962-1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

RM TRANSMISSÃO DIGITAL. **Como criar um videocast de sucesso**. RM Transmissão Digital, 2023. Disponível em: <https://rmtransmissaodigital.com.br/videocast-podcast/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

UZIEL, Anna Paula. **Homossexualidade e adoção**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

VANASSI, Gustavo Cardoso. **Podcasting como processo midiático interativo**. 2007. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

WAVVE. **The Evolution of Podcasting: Key Milestones and Future Predictions**. Disponível em: <https://wavve.co/the-evolution-of-podcasting-key-milestones-and-future-predictions>. Acesso em: 8 abr. 2025.

WENTZEL, Lenatha; DE HART, Kerry Lynn. The use of podcasts and videocasts by tertiary accounting students in distance education. **South African Journal of Higher Education**, v. 34, n. 1, p. 267-287, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20853/34-1-2827>. Disponível em: <https://journals.ac.za/index.php/sajhe/article/view/2827>. Acesso em: 13 jun. 2025.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiro Técnico do Videocast "(Vi) no Twitter"

Programa: (Vi) no Twitter – Ep. Piloto **Tema:** Adoção Homoafetiva **Duração Estimada:** 45 min **Participantes:** Host (Autor), Fabio Peclat, José Lima e Lino Rezende (Remoto).

VÍDEO / IMAGEM

ÁUDIO / FALAS

[ABERTURA]

CÂMERA 1 (Plano Geral):

Mostra a mesa completa. Host ao centro, convidados nas laterais.

INSERIR: Vinheta de Abertura (Gráfico + Som).

TRILHA: Sobe som da vinheta (5 seg) e cai para *background* (BG).

HOST: Olá! Sejam bem-vindos ao primeiro episódio do "(Vi) no Twitter". Eu sou [Seu Nome] e este projeto nasceu da vontade de tirar discussões importantes das redes sociais e aprofundá-las com quem vive a realidade.

Hoje vamos falar sobre um tema fundamental: a adoção por pais homoafetivos.

[BLOCO 1: PERFIL]

CÂMERA 2 (Plano Médio - Host):

Host olha para os convidados.

CÂMERA 3 (Plano Médio - Casal):

Foca em Fabio e José.

GC (Legenda): Fabio Peclat (Fisioterapeuta) e José Lima (Téc. Enfermagem).

HOST: Para começar, queria que vocês se apresentassem. Quem são o Fabio e o José? Quanto tempo estão juntos, onde vivem e o que fazem?

[RESPOSTA DO CASAL]

HOST: E sobre os filhos: Qual o nome deles? Quantos anos têm? Como vocês descreveriam a personalidade de cada um hoje?

HOST: Com quantos anos vocês realizaram a adoção? Eles vieram ao mesmo tempo ou foi um processo separado?

[BLOCO 2: MOTIVAÇÃO]**CÂMERA 3 (Close-up):**

Foco nas expressões do casal ao falar de sentimentos.

CÂMERA 1 (Plano Geral):

Reação do Host ouvindo atentamente.

HOST: Em que momento nasceu em vocês a vontade de serem pais? Ou foi algo que vocês sempre quiseram?

HOST: A adoção sempre foi a primeira opção? Vocês chegaram a cogitar métodos como fertilização *in vitro* ou barriga solidária?

HOST: Nesse início, tiveram receios, dúvidas ou expectativas diferentes um do outro?

HOST: Que tipo de apoio — ou resistência — vocês receberam da família e dos amigos quando anunciaram essa decisão?

[BLOCO 3: O PROCESSO]**CÂMERA 2 (Host):**

Host gesticula indicando etapas.

CÂMERA 3 (Casal):

Alterna entre Fabio e José conforme eles explicam a burocracia.

HOST: Vamos para a parte prática. Podem explicar, passo a passo, como funciona o processo de adoção para vocês? Qual foi o primeiro passo?

HOST: Quanto tempo levou, desde o início da documentação até o momento de conhecerem os meninos?

HOST: Quais foram as partes mais chatas ou burocráticas do processo?

HOST: Em algum momento vocês acharam que não iria dar certo? Bateu o desânimo?

[BLOCO 4: O ENCONTRO]**CÂMERA 3 (Close-up Emocional):**

Foco fechado no rosto dos pais.

INSERIR (Opcional): Foto da família (se autorizada) cobrindo a tela (B-Roll).

HOST: Vocês chegaram a ter contato com outras crianças antes de conhecerem seus filhos? Ou eles foram os primeiros?

HOST: E como foi o primeiro encontro? Contem sobre esse dia e a chegada deles em casa.

HOST: Como foi a adaptação dos meninos à nova rotina e à nova casa?

HOST: Eles já fizeram perguntas difíceis, como sobre a adoção em si ou sobre o fato de terem dois pais? Como vocês lidam com isso?

HOST: Existe algum momento específico que marcou vocês, aquele estalo que fez pensar: “valeu a pena cada segundo desse processo”?

[BLOCO 5: O PSICÓLOGO]**CÂMERA 1 (Plano Geral):**

Mostra a TV no cenário.

INSERT DE TELA:

Imagem do Psicólogo Lino Rezende entra na TV ou em Tela Dividida (Split Screen).

GC: Lino Rezende (Psicólogo).

HOST: No processo de adaptação, vocês ou os meninos tiveram acompanhamento psicológico?

(Dependendo da resposta, Host faz o gancho para chamar o especialista)

HOST: Para aprofundar isso, convidamos o psicólogo Lino Rezende, que fala conosco diretamente do exterior.

HOST (Para Lino): Lino, quais são os principais mitos e preconceitos que ainda persistem sobre o desenvolvimento de crianças criadas por casais homoafetivos?

HOST: Do ponto de vista do desenvolvimento emocional, existem diferenças reais entre crianças de famílias heteroparentais e homoparentais?

HOST: Em sua prática clínica, quais os maiores desafios relatados por essas famílias?

HOST: De que forma a psicologia pode auxiliar o Judiciário e a assistência social a entenderem melhor essa diversidade?

HOST: Como a presença de dois pais (figuras masculinas) contribui para a formação de valores e vínculos da criança?

HOST: Na sua visão, quais políticas públicas deveriam ser priorizadas para reduzir o estigma sobre essas famílias?

[BLOCO 6: SOCIEDADE]**CÂMERA 1:**

Volta para a mesa do estúdio.

CÂMERA 3:

Foco na interação do casal.

HOST: Voltando aqui para a mesa... O que significa, para vocês, ver duas figuras paternas representando o amor familiar?

HOST: Vocês sentem que a sociedade tem evoluído no olhar para famílias diversas nos últimos anos?

HOST: Já passaram por alguma situação desconfortável na rua ou na escola? Como lidam com isso?

**[BLOCO 7:
ENCERRAMENTO]**

CÂMERA 1 (Plano Geral):

Host olha para a câmera.

CÂMERA 2 e 3:

Momentos finais de despedida.

FADE OUT:

Tela escurece.

HOST: Para fechar, qual a importância da representatividade? Que mensagem vocês deixam para outros casais LGBT que sonham em ser pais, mas têm medo?

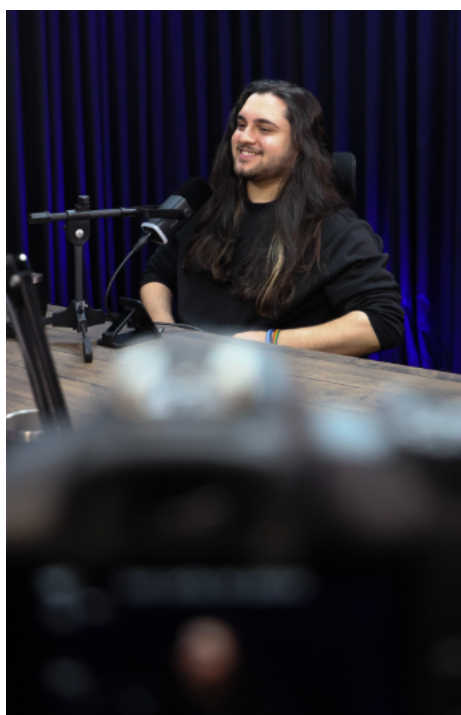
[MENSAGEM FINAL DO CASAL]

HOST: Quero agradecer imensamente ao Fabio, ao José e ao Lino pela participação. Obrigado por compartilharem essa história linda.

HOST: Obrigado a quem assistiu. Até a próxima!

TRILHA: Sobe som da vinheta de encerramento.

APÊNDICE B - Registro Fotográfico da Gravação



AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO

O aluno Vítor Daniel Carvalho Arruda, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2025, autoriza a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante Vitor Daniel Carvalho Arruda, do curso de Jornalismo, matrícula 20221012700210, telefone: (62) 9 9331-4990, e-mail: vitor128@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“PodCast: (Vi) no Twitter Adoção por parte de pais homoafetivos”**, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 02 de dezembro de 2025.

Assinatura do autor:

Nome completo do autor:

Vitor Daniel Carvalho Arruda

Assinatura do professor-orientador: